IMPACTOS DA PANDEMIA POR CORONAVÍRUS À LUZ DA EXPERIÊNCIA INFANTIL

IMPACTOS DE LA PANDEMIA POR CORONAVIRUS ACERCA DE LA EXPERIENCIA INFANTIL

IMPACTS OF THE CORONAVIRUS PANDEMIC IN THE LIGHT OF CHILDHOOD EXPERIENCE

Clarice Tulio Duarte dos Santos[1]
Helen Beatriz Baltar[2]

RESUMO: A pandemia por Sars-CoV-2, o coronavírus, gerou um contexto atípico que aflorou sentimentos de insegurança, medo, estresse e angústia em todos, independentemente da idade. O isolamento social, medida tomada para conter o contágio, alterou completamente rotinas e movimentações pelos espaços. Essas mudanças do mundo externo impactaram fortemente as famílias que puderam cumprir o isolamento social e passaram a estar juntas por tempo integral. O presente artigo objetivou compreender, por meio de revisão bibliográfica orientada pela abordagem psicanalítica, os sentimentos das crianças em relação a essa proximidade excessiva e forçada com os pais, além da exclusão dos outros meios de socialização, analisando também os desafios parentais para manter uma convivência saudável. Propõe-se alternativas para que a família lide de forma mais leve com o momento e suas afetações, para que as crianças tenham seu próprio espaço e autonomia, e que essa relação possa se constituir de forma benéfica para ambos. Assim, a partir da reconfiguração familiar em tempos de tanta incerteza, a convivência com quem se ama poderá ser uma alternativa de refúgio frente ao caos.
PALAVRAS-CHAVE: Coronavírus. Crianças. Famílias. Isolamento social. Psicanálise.

RESUMEN: La pandemia por Sars-CoV-2, el coronavirus, generó un contexto atípico que provocó sentimientos de inseguridad, miedo, estrés y angustia en todos, sin importar la edad. El aislamiento social, una medida para contener el contagio, cambió por completo las rutinas y los movimientos en los espacios. Estos cambios en el mundo externo tuvieron un fuerte impacto en las familias que pudieron cumplir con el aislamiento social y empezaron a estar juntas a tiempo completo. Este artículo tuvo como objetivo comprender, mediante una revisión bibliográfica guiada por el enfoque psicoanalítico, los sentimientos de los niños ante esta excesiva y forzada proximidad a sus padres, además de la exclusión de otros medios de socialización, analizando también los desafíos de los padres para mantener una convivencia sana. Proponemos alternativas para que la familia afronte de forma más liviana el momento y sus afectos, para que los niños tengan su propio espacio y autonomía, y que esta relación pueda ser beneficiosa para ambos. Así, desde la reconfiguración familiar en tiempos de tanta incertidumbre, convivir con los seres queridos puede ser una alternativa al refugio del caos.
PALABRAS CLAVE: Coronavirus; Niños; Familias; Aislamiento social; Psicoanálisis.

ABSTRACT: The pandemic by Sars-CoV-2, the coronavirus, generated an atypical context, that surfaced feelings of insecurity, fear, stress and anguish in all of us, regardless of age. The social isolation, measures taken to contain contagio, completely changed routines and movements through spaces. These changes from the outside world strongly impacted the families that were able to fulfill the social isolation and started to be together for full time. This article aimed to understand, through bibliographic review guided by the psychoanalyst approach, children's feelings about this excessive and forced closeness to parents, in addition to the exclusion of others means of socialization, and also analyzing parental challenges to maintain a healthy relationship. Alternatives are proposed for the family to deal more lightly with the moment and its affects, so that children have their own space and autonomy, and that this relation can be beneficial to both. Then, from the family reconfiguration in times of so much uncertainty, living with those you love can be and alternative refuge from the chaos.
KEYWORDS: Coronavirus. Children. Families. Social isolation. Psychoanalysis.

[1] claricetulio@gmail.com
[2] baltarhelenn@gmail.com

Submetido em: 22/04/2021
Aceito em: 30/07/2022

1 INTRODUÇÃO

O Sars-CoV-2, Coronavírus ou COVID-19, começou a circular no final de 2019 na cidade de Wuhan, China (SILVA, 2020), e rapidamente se espalhou pelo mundo durante o ano de 2020, devido a facilidade do contágio do vírus associada à movimentação intensa de pessoas no mundo globalizado. Diversos países foram seriamente afetados, entre eles o Brasil, que desde março até o momento em que este artigo é produzido, outubro de 2020, adotou o regime de isolamento social como forma de conter a disseminação do vírus.

O isolamento social implicou em fechamento de escolas e universidades, diversas empresas, comércio, parques. Toda a rotina agitada de se movimentar pela cidade foi interrompida e todas as atividades passaram a concentrar-se em casa. Nesse ponto, faz-se necessário o recorte da população da qual trata-se neste artigo: crianças de famílias de classe média, média/alta e alta, que tiveram a oportunidade de manter-se em casa, adaptar os trabalhos e estudos das crianças para o *home offic*e, abrangendo a faixa etária até os 11 anos.

Todos foram afetados de alguma forma e objetivou-se abordar a relação dos responsáveis com as crianças durante esse momento, através das contribuições da psicanálise, tendo como questão central a proximidade exacerbada entre essas famílias nas novas rotinas. Destaca-se, nesse momento, que utilizou-se o termo “pais” durante o artigo como sinônimo de “responsáveis”, uma vez que reconhece-se as diversas configurações de famílias existentes.

As crianças deixaram de frequentar as escolas, as atividades extra-curriculares e a interação com amigos e com a família extensa estão escassos - situações essas que são extremamente negativas para o desenvolvimento emocional e psíquico das crianças, já que precisam do contato com pessoas além de seus responsáveis para que a individualidade e a singularidade dos sujeitos sejam concretizadas. A criança, nesse contexto, fica muito imersa na relação parental, o que pode trazer consequências, como a formação de sintomas e angústias.

Por outro lado, os responsáveis, além de lidar com as novas demandas diárias, seja no trabalho, seja em casa, estão se esforçando para dar apoio aos filhos. Porém, simultaneamente, deve haver um distanciamento e respeito pelo espaço da criança, a fim de evitar uma imposição forçada e exagerada da presença dos pais, possibilitando conferir à criança mais autonomia e respeito.

Há, então, uma contradição entre o considerado ideal para o desenvolvimento saudável das crianças e a situação real. Nota-se a importância da discussão do tema, tanto para compreender os possíveis efeitos, imediatos e a longo prazo, dessa realidade, quanto para propor novas formas de conduzir o momento.

2 AFETAÇÕES DA PANDEMIA: A VIDA DA CRIANÇA E SEU COTIDIANO FAMILIAR

A concepção freudiana diz que o sujeito, ao nascer, encontra-se em uma posição de desamparo, diferente dos animais que nascem sabendo o que fazer e como fazer, por possuírem um comportamento marcado pela biologia, pelos instintos. Um recém-nascido não consegue executar ações que sanem suas necessidades. Tendo a fome como exemplo, a criança não consegue buscar por comida sozinha, conferindo-lhe uma dependência quanto a pessoa responsável pelos seus cuidados. Assim, o ser humano em seu desamparo e fragilidade necessita de um Outro Primordial para sobreviver e constituir-se como sujeito e é através desse Outro que a criança vai incorporar-se ao mundo (GARCIA-ROZA, 1988).

No decorrer da vida, os pais continuam sendo os principais responsáveis por amenizar a dor do desamparo. É preciso questionar, portanto, se no contexto da pandemia, os pais estão conseguindo amparar os filhos de forma efetiva, já que todos enfrentam dificuldades em aceitar e compreender os acontecimentos e as mudanças que o COVID-19 trouxe. Os pais estão, também, desamparados por inúmeros motivos. Houve uma mudança brusca na rotina: os cuidados com os filhos são em tempo integral e até simultâneos ao *home office*, impondo uma produtividade e carga horária excessiva, com a falsa ideia da rotina estar mais leve por não deslocar-se de um espaço ao outro, evitando o estresse do tráfego das grandes cidades. Há, ainda, o papel de educador que tiveram de adotar devido às aulas online, e outras tantas novas tarefas que essa situação desencadeou.

Os responsáveis precisam conciliar todas essas responsabilidades com sua saúde física e mental, pois cuidar do outro requer primeiramente um cuidado de si próprio. Os pais, sobrecarregados, são percebidos pelas crianças - elas procuram apoio e têm os pais como exemplo, mas os encontram perdidos também. Nesse momento, os adultos devem romper com o ideal de serem os super-heróis de seus filhos e serem sinceros a respeito de suas emoções, como afirma a psicanalista Bianca Martins (SILVA, 2020):

> Aprendemos por imitação. O modo como o papai e a mamãe lidam com o estresse são fundamentais, pois isso inclui o modo como eles lidam com o estresse. Não cabe fingir. É muito comum que exijamos dos pais um controle excessivo sobre suas emoções. É fundamental que eles possam dizer às crianças que também estão chegando aos seus limites e que contam com a ajuda delas para que o ambiente fique mais confortável emocionalmente para todos. É muito importante pactuar com as crianças. (SILVA, 2020)

Ressalta-se, aqui, o estranhamento e a dificuldade em adaptar-se neste contexto, mas também a importância de que os pais cuidem da própria saúde mental, não só por eles próprios, como também pelos filhos. O desequilíbrio emocional pode acarretar diretamente na saúde das crianças: o leite de uma mãe que acabou de dar à luz, por exemplo, pode secar devido a todo o estresse e preocupações, já que a situação caótica da pandemia traz muita insegurança sobre a saúde e a proteção dos recém-nascidos, além de toda a angústia do período do puerpério que já afeta a saúde mental da mulher.

As crianças, por sua vez, sentem muito com essa imposição da presença dos pais e a perda de interação com o mundo externo. Elas ficam muito envolvidas e imersas no ambiente adulto, com a presença constante e excessiva de problemas familiares, frustrações e preocupações dos pais. Em um contexto anterior à pandemia, elas conviviam, sim, muito com os responsáveis, mas não de maneira tão centralizada e sufocante - ainda havia a escola e a presença de outras pessoas fora do círculo familiar, fator ressaltado por Bianca Martins (SILVA, 2020):

> Um bebê muito pequeno é impactado pelas ansiedades e angústias de seus pais. Uma criança na primeira infância está impactada pois perdeu o acesso aos seus cuidadores secundários (babá, avós, tios e primos), as crianças com mais de 5 anos são impactadas pela ausência de trânsito social com seus iguais, ou seja, os amigos da escola e esses impactos são acumulativos, desde as questões dos pais, o isolamento da comunidade, a impossibilidade de estar com os amigos, e desfrutar as experiências coletivas. (SILVA, 2020)

A criança pode, ainda, ter mais dificuldade em expressar sua independência, devido aos pais que, muitas vezes, não possuem limites quanto à proximidade com os filhos ao não aceitar que eles façam algumas atividades sozinhos, como tomar banho e até mesmo brincar. Todas essas situações somam-se e criam um ambiente angustiante para a criança, que agora tem de lidar em tempo integral com essas tensões familiares, sem refúgios como escola, encontro com amigos e atividades extracurriculares.

A angústia e o sintoma são interligados no psíquico do indivíduo e essa correlação se dá tanto em adultos quanto em crianças. A partir do momento em que a criança se encontra num contexto em que não sabe lidar com os problemas e as angústias, ela terá a sintomatização como expressão dessas dificuldades. O sintoma é uma forma de processar o que está acontecendo, ou seja, a criança acessa esses sintomas como recursos que ela possui para lidar com as situações. Um possível sintoma dessas crianças no contexto da pandemia, exemplificando a imposição da presença de pais desenvolvida acima, podem ser reações hostis e agressivas em relação aos responsáveis, a fim de afastar essa presença excessiva e, muitas vezes, invasiva. Freud (1926) diz sobre a angústia na criança e a relação com os sintomas:

> Essa angústia tem toda a aparência de ser uma expressão do sentimento da criança em sua desorientação, como se em seu estado ainda muito pouco desenvolvido ela não soubesse como melhor lidar com sua catexia de angústia. (FREUD, 1926, p. 160)
>
> Assim, em nossa opinião, a relação entre a angústia e o sintoma é menos estreita do que se supunha. (FREUD, 1926, p. 168)

Sendo assim, é visível que a falta da escola presencial na vida da criança afeta a aprendizagem formal e a relação das crianças com seus pais. A escola acolhe a criança e transforma positivamente o cenário em que ela vive, sendo, muitas vezes, um refúgio em que a criança tem a oportunidade de encontrar o que ela gosta de fazer, se identificar com outras atividades e desenvolver um autoconhecimento. Outras experiências que a instituição escolar oferece, fruto da socialização e interação com o outro, são experiências lúdicas compartilhadas, cooperação, convivência com a diferença, tomada de decisões, enfrentamento de desafios e conflitos, entre outras habilidades emocionais. A realização virtual de experiências como essas é um desafio que precisa ser constantemente pensado por educadores, já que a criança necessita desse encontro e desse diálogo com o outro.

Para as crianças que estão nos primeiros anos da escola o ato de brincar é o protagonista da experiência escolar, justamente por ser muito importante para que consigam elaborar suas questões e sentimentos, desenvolver sua capacidade de imaginação e abstração, além de melhorar a coordenação motora. É preciso pensar sobre a perda que as crianças sofrem ao não experienciar, de forma compartilhada, o brincar, no momento da pandemia.

O brincar, de acordo com Vygotsky, é uma necessidade para a criança. É através da brincadeira que a criança internaliza a cultura de seu meio, interage com os outros e, principalmente, se expressa, desenvolvendo a capacidade de representar, simbolizar - característica marcante do ser humano. A brincadeira propicia que a criança desenvolva as competências contidas em sua zona de desenvolvimento proximal - termo cunhado também por Vygostky que refere-se ao que pode-se desenvolver com ajuda de terceiros, mas ainda não está totalmente estabelecido. Essas competências são estimuladas no ato de brincar já que pode-se realizar ações que, na vida real, ainda não são possíveis, como dirigir, cozinhar, trabalhar (AZEVEDO, 2019).

No ensino fundamental, mesmo sendo possível ministrar aulas, pode-se dizer que a experiência, para as crianças, dá-se de forma incompleta, considerando que a escola é um espaço de aprendizagem muito além de conteúdos teóricos, contidos em livros. É preciso questionar o que as escolas devem ensinar e como devem ocorrer as aulas online, principalmente

no contexto da pandemia. As crianças estão vivenciando um momento de muita ansiedade e as escolas precisam se reestruturar para que o ensino seja acolhedor, invés de pressionar, com cobranças de tarefas, que muitas vezes sequer são estimulantes, justamente pela falta do contato com o outro no meio virtual.

3 O PODER DA FALA, DA LINGUAGEM E DA COMUNICAÇÃO

É preciso entender que a infância não é um momento da vida plenamente feliz e sem preocupações como costuma-se idealizar, mas é também uma fase em que a criança enfrenta muitas angústias, fracassos e decepções. Adaptar-se à escola e relacionar-se com o mundo à sua volta são apenas alguns exemplos das descobertas e enfrentamentos com os quais ela tem de lidar. Se diante das dificuldades corriqueiras, os pais, muitas vezes, tentam proteger os filhos a todo custo, durante uma pandemia na qual a doença e a morte são tão próximas, é de se esperar que isso seja exacerbado. Essa proteção ultrapassa os cuidados necessários de saúde no momento atual e dá lugar a situações em que a verdade sobre o que está acontecendo no mundo é omitida ou até mesmo fantasiada.

Freud (1914-1916) elabora dois conceitos muito importantes para entender a posição superprotetora e idealizada em que os pais colocam os filhos, sendo eles o “eu ideal” e o “ideal do eu”. O eu ideal seria a imagem do eu dotada de todas as perfeições possíveis, enquanto o ideal do eu seria uma imagem idealizada constituída por exigências externas ao indivíduo. Essa imagem é construída pelos pais que projetam no filho as perfeições, negando e ocultando suas falhas e deficiências. O amor pelo filho faz surgir um vínculo ligado ao próprio narcisismo dos pais, o qual eles tiveram que abandonar por exigência da realidade, resultando nessas imagens idealizadas. A criança passa, então, a ter direito a tudo aquilo que os pais tiveram que renunciar ao longo da vida. Ela será a protagonista da estrutura familiar, não conhecerá restrições e será vítima de uma proteção excessiva. Freud, nesse contexto, nomeia a criança como “sua majestade, o bebê”.

> A criança terá mais divertimento que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘Sua majestade o bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram - o menino se tornará um grande homem um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. (FREUD, 1917-1920, p. 108)

Essa relação entre pais e filhos inicia a discussão sobre a posição superprotegida que a criança ocupa e que possui diversas consequências, como o incômodo dos pais ao ver outra pessoa aproximando de seu filho, a negação da sexualidade da criança e, mais condizente com o contexto pandêmico, esconder informações ou dizer mentiras sobre situações em que a criança está inserida a fim de protegê-la.

Diante de todo esse contexto caótico, as crianças precisam estar em um ambiente em que se sintam à vontade para questionar e expressar suas angústias, dúvidas e preocupações. É necessário que os pais escutem o que a criança tem a dizer, pois a partir do momento que a criança fala e se expressa, possibilita que ela compreenda suas próprias questões e sinta-se amparada pelo apoio dos pais. Conversas sem mentiras e rodeios, informando o que a criança é capaz de compreender de acordo com seu desenvolvimento, não abrirão margem para fantasias e medos excessivos, fazendo com que elas elaborem melhor o momento em que vivem. A criança é parte e deve estar integrada na família e, ao contar mentiras sobre a situação atual, ela sente-se excluída e incapaz. O psicanalista Jorge Forbes (CNN Brasil, 2020) e a psicóloga e mestre em saúde mental e desenvolvimento infantil pela Tavistock Clinic/Londres, Giuliana Chiapin (OSÓRIO, 2020) compartilham da ideia ao dizer que:

> As pessoas acham que criança não vai suportar a verdade. Ela não vai suportar o que está além dela, mas ela suportará muito melhor uma coerência de atitude frente a uma situação mundial em que ela possa se sentir parte integrante do que ser parte excluída porque ela "é criança e não entende". [...] Pais tentam mentir para crianças, alguns fantasiando e outros dizendo que nada mudou. Precisamos falar claro com elas e dizer exatamente o que está acontecendo. Caso contrário, a criança se frustra. (CNN Brasil, 2020)

> Crianças são muito mais atentas do que parecem ser, com a dificuldade de que elas não têm o repertório, a maturidade ou a capacidade cognitiva muitas vezes de darem sentido às informações/palavras que ouvem, criando assim suas próprias teorias. Dessa maneira, quanto mais amparadas, informadas e confortáveis estiverem, menos fantasias e temores são criados. (OSÓRIO, 2020)

Na psicanálise, a ordem simbólica refere-se à linguagem, que articula-se com símbolos e imagens que trazem significações para a vida do sujeito. O simbólico é a maneira como representamos o mundo, através das palavras. A importância da fala pode ser exemplificada em Freud (1923-1925), ao relatar um momento em que presenciou uma criança com medo do escuro, pedindo à tia para falar alguma coisa para diminuir seu medo. Nesse momento, a palavra ordena e ilumina o mundo da criança.

> Ouvi uma criança, com medo de escuro, dizer em voz alta: "Mas fala comigo, titia. Estou com medo!" "Porque? De que adianta isso? Tu nem estás me vendo". A isto a criança respondeu: "Se alguém fala, fica mais claro". (FREUD, 1923-1925, p. 474)

Com esse trecho é nítido que a partir da fala se faz luz, ou seja, a criança se sente escutada, amparada e cuidada (QUINET, 2020). O silêncio nunca é solução, inclusive, a psicanalista Françoise Dolto diz que "o silêncio provoca mais danos que a palavra" (REVISTA EDUCAÇÃO, 2016). Frente a uma pandemia, não se pode negar que é difícil para as crianças entenderem o que está acontecendo, já que se trata de algo invisível e que ao mesmo tempo trouxe mudanças radicais no dia-a-dia. A criança sentirá medo e insegurança, mas a partir da fala e da conversa, ela terá mais incentivo para encontrar saídas e elaborar suas questões, seja através do desenho, da brincadeira, da escrita e de tantas outras maneiras que ela sentir-se segura para expressar-se.

Caso o acolhimento não ocorra, sentimentos de medo, angústia, insegurança podem ser transformados em falta ou excesso de apetite, insônia ou excesso de sono, ansiedade, nervosismo, estresse, inquietações, ou seja, ocorre o processo de somatização. (JORGE FORBES, CNN Brasil, 2020). É fundamental que os responsáveis estejam atentos a esses aspectos, principalmente buscando entender o porquê dessas manifestações, uma vez que punir uma criança que está agitada ou obrigar a comer não resolve a questão, não faz pensar sobre o problema e pode desencadear outros sentimentos, como de invisibilidade e insignificância. De acordo com a pedagoga Camila Araújo, do Centro Pedagógico UFMG (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2020), a relação entre adultos e crianças precisa ter diálogo e carinho, ou seja, as crianças precisam, além da abertura para falar, sentir que suas falas são realmente escutadas e suas demandas são pensadas.

Os responsáveis precisam atentar-se às alterações demonstradas pelas crianças e manter sempre o contato com especialistas, como psicólogas, inclusive se a criança não fizer acompanhamento ainda. É de extrema importância ressaltar que é um momento atípico, que ninguém estava preparado para viver e é preciso saber os limites individuais, reconhecendo quando se precisa de orientação, amparo externo.

4 RECONFIGURANDO LAÇOS, REESTRUTURANDO ROTINAS

Nesse momento de desajustes de rotina e de emoções, há algumas medidas indicadas por profissionais de diversas áreas, como psicólogas, que são importantes para reduzir os possíveis danos causados por um dia-a-dia em casa, sem a divisão dos locais de trabalho, escola, brincadeira. O estabelecimento de uma rotina com a participação das crianças ajuda na organização emocional delas e de certa autonomia ao serem levadas a tomar decisões, além de

começarem a ter noção das questões de tempo, que segundo Piaget, é uma das abstrações mais difíceis de ser internalizada.

A rotina também deve adaptar-se ao momento atual, como ressalta a psicanalista Vera Iaconelli (CANAL…, 2020). Estabelecer um dia-a-dia baseado em uma vida pré pandemia, acreditando que será capaz de manter o mesmo ritmo é uma idealização impossível de alcançar-se por ser um contexto perpassado por várias problemáticas, já supracitadas. Essa idealização deve-se ao capitalismo neoliberal, que introjeta a noção de pessoas como produtoras o tempo inteiro, em que até o ócio deve ser produtivo e bem aproveitado, reforçado por argumentos de maior tempo livre ao não se deslocar - ignorando-se, portanto, todas as outras esferas da vida humana, considerando que qualquer tempo do trabalhador deve ser destinado ao trabalho. Essa ideia resulta em culpa por não se ter vontade de fazer algo relacionado ao trabalho, por muitas vezes sequer ter energia suficiente para isso. Os próprios momentos de descanso são afetados, ao sentir-se o mal estar de não estar fazendo nada produtivo, fazendo com que o sujeito continue mentalmente cansado. Françoise Dolto (CLÍNICA PÚBLICA DE PSICANÁLISE, 2020), psicanalista, reafirma essa necessidade:

> Ocorre que certas pessoas acreditam estar na pior porque não têm vontade de fazer nada. Acham que estão muito deprimidas, mas não estão. Acham que estão deprimidas por terem vontade de ficar sem fazer nada, mas isso é ótimo para elas: fazem tantas coisas em outras horas! 'Bolas, descanse!' Que nada! Não conseguem descansar; há culpa em não fazer nada; não se pode ficar sem fazer nada. Aí está uma educação que lhes incutiu culpa por suas pulsões passivas. Ora, um ser humano precisa de pulsões passivas. Certas pessoas chegam a ter insônia porque o adormecimento, para elas, é um momento de aceitação da passividade. Há pessoas que se sentem culpadas por aceitarem a passividade. (CLÍNICA PÚBLICA DE PSICANÁLISE, 2020)

É necessário relembrar que ainda se está acostumando com as demandas do próprio corpo e do psiquismo, que alteraram-se nesse momento da pandemia. Essa ideia de que deve-se produzir a todo o tempo em que estiver disponível também afasta as famílias, que devido a essa pressão, não possuíam momentos compartilhados e de lazer. A pandemia, nesse sentido, pode ser vista como uma imposição para refletir sobre esse distanciamento, que é ressaltado quando as famílias são obrigadas a conviver em tempo integral, podendo servir de incentivo para mudar esse comportamento, refazer e reforçar laços.

Além de uma boa comunicação e uma rotina equilibrada, a criança também precisa do seu próprio espaço e de uma certa liberdade, condizente com sua idade, para desempenhar atividades sozinha. A superproteção dos pais com os filhos pode prejudicar também o espaço e a autonomia que essa criança terá dentro de casa, aliando-se a uma certa culpa que os pais

sentem em deixar seus filhos sozinhos, seja brincando ou estudando, acreditando que o apoio ocorre somente com a interação direta nas atividades desempenhadas pela criança. Essa situação é angustiante para os pais, que necessitam trabalhar, cuidar da casa e sentem-se culpados, não conseguindo concentrar-se em suas atividades, nem ajudar inteiramente os filhos.

A ajuda e o apoio que as crianças precisam, tanto devido à pandemia, quanto em outros contextos, podem ser através de uma presença silenciosa. É importante frisar que a concessão de espaço para que os filhos fiquem sozinhos e até mesmo sem o que fazer também é saudável e necessária. Christian Dunker (PAIS..., 2020), psicanalista, explica como pode dar-se essa relação:

> A criança está brincando, você pode ler ou assistir um jornal, dá uma olhada de vez em quando, comenta alguma coisa. Essa presença compartilhada, ainda que em silêncio, é muito importante especialmente para crianças menores. Não adianta nesse momento termos sentimentos culposos, pensando que as crianças vão "ficar marcadas". Elas são seres extremamente resilientes, que sabem o que é uma situação de perigo e privação. (Pais e filhos finalmente em casa, com Christian Dunkes, 2020)

A ideia imposta pelo capitalismo neoliberal aos responsáveis acaba sendo repassada às crianças, que, desde cedo, tem sua rotina preenchida com diversas atividades, com nenhum ou pouquíssimo tempo livre, desconsiderando a importância do ócio para o desenvolvimento saudável da criança. É nesse tempo sem tarefas pré-determinadas que a criança consegue descobrir novas habilidades, novos aspectos do espaço em que ela se encontra, além de poder simplesmente não fazer nada, fundamental para o descanso de qualquer ser humano, independentemente da idade.

A solidão é saudável tal qual o ócio. Quando a criança não aceita brincar sozinha e sempre demanda alguém ao lado dela para entretê-la, ela terá muita dificuldade de ter sua própria singularidade, porque, como dito, é a partir do ócio que há descobertas de habilidades, interesses, ideias e desejos (CLÍNICA PÚBLICA DE PSICANÁLISE, 2020). Ficar sozinha com as próprias ideias ajuda a criança a lidar com diversos problemas e até afastar-se deles. Uma criança pode, por conta própria, descobrir que gosta de assistir filmes e ter neles inspiração e força para enfrentar alguma dificuldade, ou então pode servir como um escape para que ela esqueça por um tempo seus problemas e se distraia com outras atividades. A criança, quando encontra-se sozinha, desenvolve com mais facilidade a independência e a autonomia, já que ela é obrigada a realizar determinada tarefa sem ninguém por perto para ajudá-la. Assim, a criança descobre e percebe sua capacidade, e a partir de então abrem-se inúmeras pos-

sibilidades e ideias para que ela execute, sem a ajuda do outro, desenvolvendo assim, sua autoestima e autoconfiança.

A solidão, porém, ao ser percebida como isolamento é prejudicial, a criança sente-se rejeitada e não digna de estar no meio dos outros. O ser humano precisa de uma companhia, mas não necessariamente uma companhia de corpo a corpo. Quando a mãe deixa o bebê no berço, por exemplo, e vai até a cozinha para pegar comida, a criança chora pela falta da presença dela, porém, se a mãe fala, a criança acalma-se apenas com a voz, não precisando vê-la, apenas escutando-a. Não é necessário o contato físico, a voz já é suficiente para que o filho não sinta-se sozinho, pois através da fala, a criança sente que é interlocutora de alguém, que a voz destina-se a ela, e esta ocupa seu espaço. Sendo assim, quando a solidão vem acompanhada de uma presença psíquica do outro, ela é enriquecedora e não se configura como abandono.

> Entendi há muito tempo até que ponto deixar as crianças na solidão (não no isolamento), respeitar sua solidão aparentemente desocupada é indispensável para que elas não se tornem robôs dos outros. É muito importante. Não se percebe isso muito bem. (CLÍNICA PÚBLICA DE PSICANÁLISE, 2020)

A criança não se expressa como o adulto, ela interpreta o mundo de outras maneiras e a internalização das situações ocorrem através de atividades mais lúdicas. Ela constrói novas maneiras de se expressar que podem ser fundamentais para lidar com situações estressantes. O momento de pandemia é de redescoberta, reconfiguração, e isso deve ser aproveitado pelos responsáveis. Eles têm a oportunidade de conhecer as manifestações de pensamentos e sentimentos das crianças, que podem ser por desenhos, jogos, alguma atividade física que possa ser feita em casa ou até mesmo um gesto, uma palavra. Ao entender isso, os pais tendem a respeitar mais o momento da criança e suas atitudes.

Como já explicitado, as histórias de filmes, séries e livros são muito importantes para a criança elaborar suas questões. Porém, no momento da pandemia, muitos pais perderam o controle com a quantidade de horas que os filhos passam em frente a uma tela, seja de computador ou celular, já que as aulas são por esse meio, além de conversas com familiares e amigos que também estão sendo feitas pela internet. Além da comunicação, a tecnologia proporciona um entretenimento capaz de manter a criança distraída durante horas. Os pais têm, portanto, a possibilidade de descanso e despreocupação com o entretenimento dos filhos por algum momento. Já a criança não precisa fazer nenhum esforço intelectual, nem concentrar e entender a fundo o que está se passando nessa tela, diferentemente dos filmes e livros, em que

necessita-se de um trabalho mental. Por isso, muitas vezes a tecnologia é a preferida dentre as opções.

É importante que os pais estejam atentos à questão da tecnologia e deve haver um cuidado em relação ao tempo que a criança tem usado esses aparelhos eletrônicos, tanto por nem sempre estimular as crianças como necessita-se para o desenvolvimento, quanto por ser um possível modificador da rotina de sono. A luz emitida por esses aparelhos inibe a produção de melatonina, hormônio responsável pela indução ao sono. Portanto, quando as crianças têm acesso aos meios eletrônicos sem nenhum tipo de controle, levam até mesmo para a cama, antes de dormir, pode ser muito prejudicial ao sono. Sabe-se que é justamente durante esse ciclo que hormônios como GH ou somatropina, responsável pelo crescimento, são secretados, que o corpo descansa de um dia e se prepara para o outro. Uma boa noite de sono é, então, fundamental, principalmente para quem está em desenvolvimento.

A criança passa também por uma fase de desenvolvimento de suas capacidades motoras, fundamental para a desenvoltura dessas habilidades durante a vida. Esse desenvolvimento, geralmente mediado pelas escolas, com brincadeiras, educação física e também por outras atividades extras como natação, danças, não pode ser esquecido no momento de pandemia. É normal, portanto, que as crianças agitem-se e façam bagunça como antes não faziam pela casa - agora elas não têm mais espaço para correr, pular, esconder - e os responsáveis precisam ser pacientes e, mais uma vez, adaptar-se à situação.

As atividades devem ser desenvolvidas de acordo com o espaço que se tem, podendo integrar com as tarefas de casa, como uma solução para a organização também. É possível que os responsáveis proponham gincanas de quem organiza o próprio quarto mais rápido, com cada atividade nova que a criança desempenhar resultando em uma pontuação a mais; atividades que envolvem todo o corpo, mas não precisam de tanto espaço podem ser criadas ou recriadas, como o jogo chamado *Twister*, em que tem-se um tapete de plástico com diversas bolas coloridas e precisa-se manter o equilíbrio em posições diferentes. O próprio ato de confeccionar um brinquedo junto com a criança já é importante para que ela internalize regras, desenvolva certos movimentos finos (como recortar o papel em determinados formatos), além de ser um momento de união da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver um momento atípico como o de uma pandemia ocasionada por um vírus, que paralisa todo o mundo, é algo desafiador para qualquer pessoa. Porém, mesmo em situações

tão extremas é possível extrair bons aprendizados e ensinamentos. É um contexto que permite demonstrar que as crianças podem ser resilientes, que sua relação com os pais pode ser mais leve e que o outro, independente da idade, também precisa ter o próprio espaço. O reconhecimento do espaço e da necessidade do outro é fundamental para criar empatia, solidariedade e fazer com que essa pessoa em formação entenda que a sociedade é composta por todos, que são interdependentes e precisam atuar juntos. Como o psicanalista Christian Dunker (PAIS..., 2020) diz:

> Cada um precisa descobrir sua função para que a gente possa sair dessa juntos. Se conseguirem enxergar um sentido de responsabilidade coletiva que ultrapasse o núcleo familiar, acho que teremos um momento formativo dessa geração de adolescentes. (PAIS e filhos finalmente em casa, com Christian Dunker, 2020)

É um momento que também permite repensar as situações, convivências familiares e traz a oportunidade de recriar laços, espaços em casa, rotinas. Passar por um contexto tão inesperado e transformar o que parecia ser desnorteador em reconfigurador pode ser fundamental para despertar união na família e a resiliência nas crianças, que aprenderão que até em momentos tão difíceis é possível elaborar e ressignificar suas questões e angústias.

Através da leitura deste artigo, espera-se que a compreensão e passagem pela pandemia seja facilitada e repensada. Não se espera esgotar o tema, pelo contrário: é uma temática totalmente nova e que deve ser explorada, principalmente porque sabe-se que é um momento histórico e que deixará marcas em todos que o vivenciaram.

REFERÊNCIAS

AS Famílias vão ter que criar uma nova experiência compartilhada, diz Christian Dunker. **PORVIR - Inovações em educação**, 10 abr. 2020. Disponível em: https://porvir.org/as-familias-vao-ter-que-criar-uma-nova-experiencia-compartilhada-diz-christian-dunker. Acesso em: 25 ago. 2020.

AZEVEDO, Jane Moreira de. A criança e o brincar. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. [Apostila de sala de aula].

BREGASSI, Claudia. O mundo está fechado? Reflexões sobre o efeito da pandemia e isolamento em crianças com dificuldades em sua subjetividade. **Semear**, Federação psicanalítica da América Latina, 8 ago. 2020. Disponível em: http://www.fepal.org/o-mundo-esta-fechado-reflexoes-sobre-o-efeito-da-pandemia-e-isolamento-em-criancas-com-dificuldades-em-sua-subjetividade/. Acesso em: 20 ago. 2020.

CANAL Livre: Efeitos da pandemia para crianças e adolescentes - Parte 1. Brasil: Canal Livre. 5 jul. 2020. 1 vídeo (32:21 min). Publicado por Band Jornalismo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s4V0jLSKXLw. Acesso em: 03 out. 2020.

CHINALLI, Myriam. Para psicanalista francesa, sinceridade gera melhor relação com crianças. **Revista Educação**, ed. 233, 17 out. 2016. Disponível em: https://revistaeducacao.com.br/2016/10/17/para-psicanalista-francesa-sinceridade-gera-melhor-relacao-com-criancas/. Acesso em: 03 set. 2020.

CLÍNICA PÚBLICA DE PSICANÁLISE. **Françoise Dolto sobre solidão e 'não fazer nada'.** São Paulo, 12 maio 2018. Facebook: clinicapublicadepsicanalise. Disponível em: https://www.facebook.com/clinicapublicadepsicanalise/posts/1665567323521861/. Acesso em: 03 set. 2020.

Entenda a importância da escola na primeira infância da criança. **Novos Alunos**. 9 de nov. 2018. Disponível em: https://novosalunos.com.br/entenda-a-importancia-da-escola-na-primeira-infancia-da-crianca/ Acesso em: 28 set. 2020.
"É preciso dizer às crianças o que está acontecendo," diz psicanalista. **CNN Brasil**, São Paulo, 20 ago. 2020. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/08/20/e-preciso-dizer-as-criancas-o-que-esta-acontecendo-diz-psicanalista. Acesso em: 10 set. 2020.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre psicanálise.** Edição Standard Brasileira. Volume 16. Imago. 1916-1917.Rio de Janeiro.

FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico. Inibições, Sintomas e Ansiedade: A questão da análise leiga.** Edição Standard Brasileira. Volume 20. Imago. 1925-1926. Rio de Janeiro.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos.** Edição Standard Brasileira. Volume 19. Imago. 1923-1925. Rio de Janeiro.
GARCIA ROZA, Luís Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GUTFREIND, Celso. Psicanálise infantil nos tempos do coronavírus. **Gaúcha ZH**, Porto alegre, 14 maio 2020. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2020/05/psicanalise-infantil-nos-tempos-do-coronavirus-cka5tne9300kj015nrcqsbwxc.html. Acesso em: 28 set. 2020.

LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 37, e200089, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100510&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 set. 2020.

NEGREIROS, Lourdes. E as crianças? Conversa com os pais em tempos de pandemia. **Blog da SPFOR**, Fortaleza, 27 mai. 2020. Disponível em: https://www.spfor.com.br/e-as-criancas-conversa-com-os-pais-em-tempos-de-pandemia/ Acesso em: 08 set. 2020.

OSÓRIO, Ticiano. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 18 mar. 2020. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/como-falar-da-gravidade-do-coronavirus-com-criancas-e-adolescentes-ck7xc6oeg05j001pqxpvgq8ji.html. Acesso em: 20 set. 2020.

QUINET, Antônio. As crianças e a pandemia com Rosane Melo. **Instagram**. 20 de set. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CFX9X6tlFmW/?utm_source=ig_web_copy_link Acesso em: 27 de set. 2020.

QUINET, Antônio. Pais e filhos na pandemia com Vera Iaconelli. **Instagram**. 27 de set. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CFp_bVaFF3e/?utm_source=ig_web_copy_link Acesso em: 28 de set. 2020

RESENDE, Olívia. Diálogo é o caminho para ajudar crianças a vencer as angústias da pandemia. **UFMG**. Belo Horizonte, 19 de jun. 2020. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/dialogo-e-o-caminho-para-ajudar-criancas-a-vencer-as-angustias-da-pandemia Acesso em: 10 set. 2020.

RODRIGUES, José Victor de Santos. LINS, Ana Carolina de Araújo Almeida. Possíveis impactos causados pela pandemia do COVID 19 na saúde mental de crianças e o papel dos pais neste cenário. **Research, Society and Development**, v. 9, n.8, e793986533. 20 de set. 2020. Disponível em: https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6533/5244 Acesso em: 25 de out. 2020.

SILVA, Guilherme. Pandemia: como o isolamento social impacta a vida das crianças. **A Gazeta**, Espírito Santo, 3 jul. 2020. Disponível em: https://www.agazeta.com.br/revista-ag/vida/pandemia-como-o-isolamento-social-impacta-a-vida-das-criancas-0720. Acesso em: 29 ago. 2020.

USP, Jornal da. A origem do Sars-CoV-2. **Pfarma**, 16 abr. 2020. Disponível em: https://pfarma.com.br/coronavirus/5439-origem-co-vid19.html#:~:text=No%20caso%20da%20Sars%2C%20sabe,cidade%20de%20Wuhan%2C%20na%20China. Acesso em: 13 out. 2020.